

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA

**O TRABALHO DE CANTO CORAL INFANTIL E JUVENIL EM UM
PROJETO SOCIAL DE PEQUENO PORTE
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

ANA LUIZA TOLEDO FERNANDES

Rio de Janeiro, 2013

**O TRABALHO DE CANTO CORAL INFANTIL E JUVENIL EM UM
PROJETO SOCIAL DE PEQUENO PORTE
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

por

ANA LUIZA TOLEDO FERNANDES

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Música submetido ao Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Música, sob a orientação da Profa. M.a Patricia Soares Santos Costa.

RIO DE JANEIRO, 2013

Dedico esta monografia aos meus alunos da ONG AMAR, que tanto me ensinaram e ensinam todos os dias.

AGRADECIMENTOS

À minha família. Por todos os valores, suporte, amor, confiança e respeito.

Aos meus companheiros de jornada Felipe Wiermann, Ivan Britz, Taiana Machado e Cecília Zanatta, pelas revisões, opiniões e apoio.

Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade.

(Paulo Freire)

RESUMO

Esta monografia tem origem na experiência da autora na condução de oficinas de canto coral em uma ONG localizada no Rio de Janeiro, durante os anos de 2011 e 2012. Durante o processo, constatou-se que o trabalho coral em ambientes de projetos sociais tem especificidades que requerem atenção especial e formação direcionada da parte dos regentes envolvidos. Esta formação, entretanto, não tendo sido oferecida durante a graduação em Música, precisou ser desenvolvida através de experimentação e pesquisa teórica. Este trabalho de conclusão de curso, que tem como quadro referencial teórico as proposições de Paulo Freire e Abraham Maslow, busca disponibilizar aos profissionais da área e aos estudantes de licenciatura uma contribuição ao entendimento da realidade pedagógica deste crescente campo de trabalho; mais que isso, oferece, através dos relatos apresentados, as reflexões, os erros e os acertos empreendidos no processo como fonte de novas interpretações e desenvolvimentos.

Palavras-chave: canto coral. coral infantil. coral juvenil. projetos sociais. ONG. Pedagogia da Autonomia. Hierarquia das Necessidades.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
JUSTIFICATIVA	9
METODOLOGIA.....	9
ESTRUTURA	10
DEFINIÇÕES NECESSÁRIAS:	10
DESENVOLVIMENTO	11
1. A ONG AMAR	11
2. O PROJETO ARTE CIDADÃ	13
2.1. SOBRE OBJETIVOS E CONDIÇÕES DE TRABALHO	13
2.2. A OFICINA DE CANTO CORAL	13
2.3. IMPRESSÕES	17
3. BREVE REVISÃO DE LITERATURA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO RECORTE	18
4. REFERENCIAL TEÓRICO	23
4.1. A BUSCA DO ENTENDIMENTO DA MOTIVAÇÃO DE MANEIRA MAIS AMPLA.....	23
4.2. ABRAHAM MASLOW E A HIERARQUIA DAS NECESSIDADES	23
4.3. PAULO FREIRE COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O PENSAMENTO DE MASLOW.	28
5. O TRABALHO DE LIMA E A NECESSIDADE DE REDEFINIÇÃO DO RECORTE TEMÁTICO	36
5.1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	38
CONCLUSÃO	41
ANEXO - APRESENTAÇÃO DA ONG AMAR	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

A arte e a cultura são um reflexo da atividade humana sobre a terra, da apropriação pelo homem do universo que o circunda e sua maneira de expressar e modificar sua existência. Arte e cultura não são, portanto, privilégios de classe ou conhecimentos acessórios dispensáveis à educação e construção da coletividade. É através delas que se deu a edificação da nossa sociedade e identidade como espécie, grupo, nação.

Apesar dessa capacidade inerente ao ser humano de criar e modificar seu meio, a disponibilidade de materiais, estímulos e conhecimento para este exercício não são igualmente percebidas em todas as parcelas da nossa sociedade.

A desigualdade social brasileira não deixa de refletir também na formação cultural desta população, privada de séculos de conhecimento e possibilidades que também são deles por direito. A inépcia do estado brasileiro de fazer cumprir os direitos sociais básicos garantidos por nossa Constituição tem sido remediada pelo crescimento do terceiro setor da economia, cada vez mais atuante e expressivo neste universo educacional.

O trabalho educacional de cultura através dos projetos sociais chega até onde a educação formal não chega. Isso possibilita que o educador nele envolvido tenha ao mesmo tempo mais liberdade de conteúdo e uma ação social de alcance mais profundo, pois pode atuar diretamente em uma comunidade através dos educandos atendidos, que assim como todo o grupo, transformam-se em potenciais agentes modificadores de suas próprias realidades.

O trabalho pedagógico-musical nestas ONGs, entretanto, inaugura uma série de novos desafios e questionamentos que precisam ser mais discutidos dentro das instituições acadêmicas formadoras de novos educadores musicais.

A presente monografia tem origem nas inquietações geradas a partir da criação das oficinas de canto coral na ONG AMAR, dirigidas pela presente autora durante os anos de 2011 e 2012. A instituição beneficente é dedicada ao atendimento e suporte a crianças e adolescentes em situação de risco social e, em 2011, iniciou seu primeiro projeto de arte e cultura.

Essas inquietações deram origem a um processo de discussão e pesquisa que culminaram neste relato de experiência, que tem por objetivo refletir sobre o trabalho de canto coral infantil e juvenil em um projeto social de pequeno porte,

suas limitações e possibilidades, tendo como referência Paulo Freire e Abraham Maslow.

JUSTIFICATIVA

Esta monografia se justifica por alguns motivos. Talvez o mais forte deles seja o quase absoluto silêncio dentro da formação acadêmica sobre a ferramenta educacional do canto coral e ainda mais sobre a aplicação desta ferramenta em projetos sociais. O crescimento do terceiro setor amplia a área de atuação do licenciado em Música e gera a necessidade de entendimento das especificidades e potencialidades que este novo campo envolve.

Além disso, ao se centrar na experiência vivida pela autora desta monografia em um destes projetos, pretende-se auxiliar os colegas que por ventura possam passar pelas mesmas situações e partilhar dos mesmos questionamentos. Vale lembrar ainda que mesmo toda a experiência pregressa da autora em 20 anos como coralista, mais as formações paralelas como regente e mais a licenciatura em Música em vias de conclusão não foram capazes de resolver algumas das questões surgidas durante o processo, gerando a necessidade de uma busca teórica e prática mais aprofundada.

METODOLOGIA

Esta Monografia foi construída através da observação continuada da atividade docente realizada pela autora na ONG AMAR, podendo ser entendida, portanto, como um relato de experiência.

Além disso, para a interpretação dos questionamentos e dados obtidos com o processo, realizou-se uma busca exploratória pelas publicações pertinentes às discussões levantadas. Para tanto, foram analisados livros, artigos, dissertações e teses.

Por fim, foram realizadas algumas conversas informais com alunos e coordenadores de uma das unidades da ONG, a fim de confirmar ou negar algumas das impressões pessoais da autora com relação ao processo ocorrido

durante as oficinas de canto coral. Com isso esperou-se obter uma análise mais imparcial e realista das experiências relatadas.

ESTRUTURA

Esta monografia se estrutura seguindo o processo vivido pela autora. Cada experiência relevante gerou uma estruturação teórica que por sua vez levou a novas questões a serem respondidas e aprofundadas.

Em primeiro lugar, será apresentada a ONG AMAR, a implementação do curso de canto coral e as primeiras perguntas e hipóteses surgidas.

Em segundo lugar, se falará sobre a primeira busca por bibliografia pertinente à área e as observações feitas a partir dos resultados obtidos.

Em seguida, serão apresentados os referenciais teóricos que nortearam a primeira parte deste processo e o porquê de sua pertinência para as questões levantadas até então.

Em um quarto momento, serão apresentadas novas questões e problematizações surgidas no decorrer do processo de pesquisa e as propostas para encaminhamentos futuros, na hipótese da continuidade das oficinas de canto coral no próximo ano.

DEFINIÇÕES NECESSÁRIAS:

O CONCEITO DE CATEGORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS ATRAVÉS DO VIÉS ECONÔMICO: OS TRÊS SETORES.

- O primeiro setor: se refere ao Estado, o governo, instância que arrecada tributos e os devolve à sociedade em forma de serviços. Age através dos três poderes: Legislativo, Executivo e Judiciário.
- O segundo setor: formado pelos setores privados da sociedade civil que visam a obtenção do lucro.
- O terceiro setor: são as associações, cooperativas, institutos e fundações sem fins lucrativos, as ONGs. Realizam-se a partir da iniciativa civil e objetivam atender alguma demanda social ou

conquistar a efetivação de algum direito coletivo negado. Este setor é mantido tanto por meio do patrocínio de empresas privadas e pelo apoio governamental, quanto por doações espontâneas da sociedade como um todo.

DESENVOLVIMENTO

1.A ONG AMAR

A Associação Beneficente AMAR foi fundada no ano de 2000 e se define da seguinte maneira:

A Associação Beneficente AMAR é uma organização sem fins lucrativos, situada no Estado do Rio de Janeiro, que desenvolve seu trabalho junto a crianças, adolescentes e jovens em situação de risco pessoal e social, através da metodologia do Sistema Preventivo da Educação, em três linhas operativas: Linha Emergencial, Linha Preventiva e Linha Formativa.

Suas atividades têm como eixo inspirador os princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e visam, através de ações sócio-educativas e profissionalizantes, o resgate da auto-estima, a formação para a vida cidadã e a promoção humana e transcendental de todos os participantes de seus projetos ¹

O Sistema Preventivo da Educação foi elaborado por Dom Bosco (fundador da Ordem Salesiana) no século XIX e consiste em uma metodologia para o ensino de crianças e jovens. Em linhas gerais, o sistema defende uma pedagogia centrada em três pontos fundamentais: a razão, a religião e *amorevolezza*, palavra sem tradução exata, mas que pode ser entendida como algo entre amor, gentileza, benevolência e afetuosidade.

Ao contrário do que o termo “educação preventiva” pode sugerir no contexto dos projetos sociais atuais, a associação AMAR não trabalha no sentido de “prevenir a criminalidade”, mas sim garantir a todos uma educação mais justa e amplamente formadora. A palavra “preventiva” aqui se opõe a “corretiva”, referente ao tipo de educação corrente na época em que Dom Bosco estruturou sua metodologia. Em outras palavras, esta metodologia nasceu da proposta de se educar através do *amor* e do *diálogo* ao invés de *punições* e *castigos*.

¹ Retirado do documento de apresentação da AMAR, anexado ao fim da monografia.

A ONG em questão tem, portanto, ligação estreita com a Ordem Salesiana, tendo também entre os associados e funcionários alguns religiosos filiados à Ordem. Entretanto, as diretrizes religiosas defendidas pela instituição servem de orientação filosófica e não de direcionamento ou controle das atividades. Os educadores têm liberdade de ação e não sofrem interferência na condução de suas funções, assim como todos, professores e educandos, são respeitados em suas vivências religiosas.

A AMAR conta hoje com cinco unidades, quatro na cidade do Rio de Janeiro, distribuídas entre Centro e Zona Norte, e uma em Duque de Caxias, no bairro Cidade Nova.

As linhas de ação empreendidas pela instituição, como explicitado na apresentação transcrita anteriormente, podem ser divididas em três:

- A Linha Emergencial, que trabalha na abordagem, apoio, acolhimento e educação de menores em situação de rua;
- A Linha Preventiva, ligada às atividades educativas e culturais de crianças e jovens de baixa renda em situação de desvantagem pela formação precária e situação sociocultural limitada;
- A Linha Formativa, relacionada aos projetos de capacitação profissional e de formação de educadores sociais. Enquadra-se aqui, por exemplo, o projeto “Grupo das Jovens Mulheres”, que promove auxílio financeiro e acompanhamento para aquelas que têm interesse em alcançar um objetivo profissional ou empreender um novo negócio.

Na tentativa de ampliar a formação das crianças e jovens atendidos pelos projetos socioeducativos, criou-se em 2011 o primeiro projeto cultural a ser realizado pela instituição, o *Arte Cidadã*. O projeto teve o apoio do Governo Federal através da Lei Rouanet e o patrocínio da Rexam, empresa de embalagens.

Foram criadas então as oficinas de canto coral, violão, teatro, dança e flauta doce, nas duas unidades da ONG que trabalham com ação pedagógica de apoio à escolaridade, a Dom Helder Câmara, no Grajaú, e a São Matias, em Duque de Caxias.

2.0 PROJETO ARTE CIDADÃ

2.1. SOBRE OBJETIVOS E CONDIÇÕES DE TRABALHO

A coordenação do projeto, que se iniciou em agosto de 2011 e teve a duração de dez meses, se comprometeu a disponibilizar espaço físico, apoio pedagógico e todos os materiais necessários à realização das atividades. Além do envolvimento com as oficinas, os seus professores se responsabilizaram por preparar os alunos para o evento final de apresentação de todos os grupos.

Para tal encerramento seriam disponibilizadas equipes de sonorização, iluminação, figurino e maquiagem, bem como o aluguel dos teatros (um no Grajaú e o outro em Caxias) e a contratação de espaço e serviços para a realização das festas de encerramento do projeto, com direito a coquetel, nas duas unidades atendidas pelo Arte Cidadã.

As turmas das oficinas seriam compostas por alunos da associação e por crianças e jovens das comunidades próximas que se interessassem. O projeto de apoio pedagógico e reforço escolar atende ainda hoje no contraturno da escola regular e tem suporte para receber cerca de 50 alunos, 25 no período da manhã e 25 no período da tarde, em ambas as unidades destacadas anteriormente.

2.2. A OFICINA DE CANTO CORAL

O início efetivo das atividades explicitou as principais dificuldades que seriam enfrentadas durante todo o processo. Um grupo de trabalho de coral normal conta com aproximadamente 20 integrantes; entretanto, presentes na sala disponibilizada para a realização da oficina havia apenas duas crianças. Em outras palavras, o número de presentes não era o suficiente para formar um “coral” de maneira convencional.

Iniciou-se então um trabalho de convencimento dos alunos participantes das atividades pedagógicas à adesão à atividade. Durante os primeiros meses o trabalho variava de forma e conteúdo de acordo com o número de pessoas presentes na sala. Estas primeiras aulas lembravam aulas de canto, aulas de percepção musical, aulas de jogos musicais, de violão, de teclado, mas em quase nada uma atividade realmente coral.

Estes fatos narrados se referem principalmente às atividades no Grajaú. Na unidade de Caxias a adesão inicial foi maior, mas a quantidade de alunos ainda assim era insuficiente para realizar algumas questões técnicas características da linguagem coral como, por exemplo, abertura de vozes.

Alguns pontos podem ser levantados aqui para o entendimento dessa dificuldade inicial de adesão. Em primeiro lugar, o canto coral não despertou tanto interesse quanto as outras oficinas, ao mesmo tempo em que necessitava de um maior número de adesões para sua realização plena. Poucos jovens conheciam a atividade e muitos dos que sabiam algo a respeito a consideravam desinteressante. Em segundo lugar, as aulas aconteciam duas vezes por semana e tinham a duração de uma hora e meia. Este tempo inicial de aula mostrou-se demasiadamente longo e cansativo para o início de um processo conturbado como o que se apresentava. Em terceiro, as crianças participantes eram as mesmas presentes nas outras oficinas. Vale lembrar que o público atendido pela ONG não estava habituado a realizar tantas atividades extracurriculares, o que demandava comprometimento, disciplina e disposição ainda não experimentados.

Com o tempo, os dois “coros” começaram a se delinear, tendo em Caxias um grupo majoritariamente formado por crianças e no Grajaú por pré-adolescentes. Os grupos cantavam em uníssono músicas que possibilitavam o formato “pergunta e resposta” não só pela impossibilidade numérica de divisão como também pela escolha de se trabalhar primeiramente técnica vocal e afinação. Em dezembro de 2011 as turmas haviam se definido melhor, a frequência se estabilizou e a mudança na afinação era visível até para as equipes de apoio da instituição.

Durante as férias escolares, entretanto, aconteceu o previsto. Não havia como esperar que os alunos continuassem mantendo a frequência à oficina. Quando as férias acabaram, metade dos grupos havia sido desfeita. Muitos alunos haviam deixado o projeto e vários outros mudaram o turno em que estudavam na escola, desestruturando quase todo o trabalho feito até então.

Faltando quatro meses para o encerramento do Projeto Arte Cidadã o processo precisou ser reiniciado, pois o número de participantes novamente não era suficiente para garantir uma apresentação ao final.

Com a consciência de que não haveria tempo hábil pra recomeçar da mesma forma e de que existia a necessidade de apresentar algum resultado final

que garantisse a continuidade do projeto, a autora desta monografia juntamente com a equipe pedagógica decidiu por tornar obrigatória a adesão à oficina de canto a todos os participantes das atividades de reforço.

Com mais alunos presentes, foi possível dividir os grupos por idade e diminuir o tempo dos ensaios para cerca de uma hora, duas vezes por semana para cada grupo. Além disso, outra turma foi aberta na unidade do Grajaú durante o período da tarde, para possibilitar que os cantores do semestre anterior que mudaram de turno continuassem cantando.

Nasceram então cinco grupos, dois em Caxias no turno da manhã e três no Grajaú (dois de manhã e um de tarde).

A diminuição do tempo de ensaio e a divisão por faixa etária surtiu efeito rápido, os cantores ficaram mais interessados, com mais “saudades” das aulas, mais envolvidos pelo repertório.

A obrigatoriedade da participação obviamente gerou descontentamentos, mas foi debatida com as crianças e principalmente com os adolescentes a necessidade deste processo na continuidade do projeto Arte Cidadã como um todo, já que a mesma não estava garantida, tendo orçamento e aprovação legal para apenas uma edição.

Mesmo com a nova obrigatoriedade, os números por turma ainda eram baixos e o pouco tempo de trabalho poderia expor demasiadamente os integrantes e gerar desconforto. Como as apresentações finais aconteceriam tanto em Caxias quanto no Grajaú e contariam com a presença de todos os alunos das duas unidades, o repertório foi organizado de forma que os cinco grupos fossem reagrupados em dois no final. Todos os alunos seriam então distribuídos em dois coros, um com 26 crianças e o outro com 25 adolescentes.

Estes dois grupos finais se juntariam ainda para realizar uma música em um grande coro de 51 integrantes e só poderiam ensaiar nesta formação na véspera das apresentações, na passagem geral.

As escolhas pedagógicas neste momento do processo foram assumidamente pensadas a partir do resultado final. Não haveria tempo para amadurecer os grupos tecnicamente, nem para familiarizá-los com a prática coral de maneira significativa, mas ainda existia a apresentação do projeto, que aconteceria em um teatro (o que por si só é um evento relevante), com toda a estrutura e apoio.

O objetivo claro era o de que elas experimentassem o palco, aproveitassem a existência daquela estrutura e passassem a se sentir parte daquele universo, capazes de estar ali, com o direito de fazer parte daquele espaço. Era claro também que o significado de canto coral para elas seria modificado depois daquela experiência, tanto pelo palco, quanto pela apresentação final de um processo em que participaram, como também ao fato de se ouvirem cantando em um grupo bem maior do que estavam acostumadas a cantar, experimentando novas sonoridades e sensações.

Cabem aqui algumas observações. Como boa parte das crianças e até adolescentes não leem fluentemente, muitos deles têm dificuldade de decorar as letras das canções. Quando se aproximou a data da apresentação foi preparado um CD com a gravação das músicas do repertório, tanto para ajudar na memorização quanto para apresentar aos alunos as gravações originais, seus autores e intérpretes, alguns distantes de seu universo sonoro.

O repertório foi escolhido a partir de alguns princípios. Algumas músicas foram selecionadas por falarem de temas de interesse das faixas etárias envolvidas. Outras canções foram selecionadas a partir de critérios pedagógico-musicais que ajudassem a desenvolver técnica vocal, noção de afinação, sensibilização rítmica, etc. Outras ainda, já eram conhecidas e algumas até cantadas antes da entrada dos participantes no coral.

A incorporação de músicas já conhecidas, além de um sinal de respeito ao repertório que os participantes já trazem em sua vivência, foi uma forma rápida de apresentar a atividade coral como “cantar junto”. Aproximou os participantes da vontade de estar no grupo, se sentir parte dele e, a partir desta vontade, foi mais fácil inserir músicas desconhecidas.

O repertório foi todo formado por músicas brasileiras, não por opção estética, mas por um adiamento da incorporação de músicas estrangeiras pelo reconhecimento da barreira linguística do público em questão. Os vários níveis de fluidez em leitura presentes nos grupos e a falta de familiaridade com outras línguas são questões que tornam realmente importante a incorporação deste repertório à atividade cotidiana, mas devido às circunstâncias em que o projeto ocorreu, não pôde ser priorizada.

O repertório da apresentação final foi:

Grupo 1 - até 10 anos:

- Minha Canção - Chico Buarque, Enriquez e Bardotti
- Suíte de canções populares contendo A Maré Encheu, Quem te Ensinou a Nadar (Peixinhos do Mar) e Marinheiro Só – Folclóricas
- Mamãe Passou Açúcar em Mim - Wilson Simonal
- Farofa - Mario Celso

Grupo 1 e 2 – cantada por todos:

- Fico Assim Sem Você - Claudinho e Buchecha

Grupo 2 - A partir de 10 anos

- Alguém Cantando - Caetano Veloso
- Xote das Meninas - Luiz Gonzaga
- Fome Come - Palavra Cantada
- Descobridor dos Sete Mares - Gilson Mendonça e Michel
- Tempos Modernos - Lulu Santos

2.3. IMPRESSÕES

As apresentações correram como o esperado. Embora os grupos estivessem numerosos e as músicas decoradas, o resultado sonoro foi bastante inferior ao conquistado antes das férias escolares. O pouco tempo de maturação das questões técnicas foi visível aos olhos da professora, mas pareceu não influenciar na experiência final dos alunos ou na avaliação do restante da equipe e público. Entretanto, a questão da obrigatoriedade da participação resultou em algumas dificuldades disciplinares e em uma aparente apatia por parte de alguns participantes. Apesar disso proporcionou a alguns a chance de conhecer e gostar da oficina.

Na avaliação geral da oficina de canto coral em relação ao projeto Arte Cidadã pode-se dizer que os objetivos inicialmente estabelecidos foram cumpridos. Entretanto, na perspectiva pessoal da regente e professora, o processo foi insatisfatório por diversos ângulos. Naquele primeiro momento de análise, parecia à presente autora que a oficina havia gerado mais questionamentos e dificuldades que resultados concretos, seja em termos técnicos, seja em termos pedagógicos, ou ainda em ganhos sociais.

Foi através deste descontentamento que surgiu a necessidade de uma busca teórica aprofundada, que auxiliasse na interpretação da experiência e conseqüentemente na construção de novos caminhos para a realização da atividade. Foram formuladas então as primeiras questões de estudo que dariam origem a esta monografia.

A primeira grande pergunta surgida foi *“Por que as crianças não se envolveram voluntariamente no processo?”*. Para responder esta questão surgiram outras, como *“Será que a condução das atividades não foi suficientemente interessante?”*; *“Será que o preconceito com a atividade coral existe e influencia nisso? Em que grau?”*; *“Será que a estética coral é demasiadamente distante do universo sonoro destes alunos?”*.

A análise destas perguntas fez notar que todos os questionamentos e apontamentos foram construídos a partir da ideia de que os maiores problemas enfrentados durante a realização da oficina aconteceram no campo da Motivação.

A partir desta constatação formulou-se a primeira grande questão de estudo:

COMO MOTIVAR CRIANÇAS E JOVENS DE PROJETOS SOCIAIS AO ENGAJAMENTO NO PROCESSO DO CANTO CORAL?

3.BREVE REVISÃO DE LITERATURA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO RECORTE

Na tentativa de responder esta questão de estudo apresentada primeiramente realizou-se uma busca a partir do recorte específico delimitado: a Motivação no canto coral infantil e juvenil no contexto dos projetos sociais.

Este primeiro levantamento, feito através de livros, artigos e publicações acadêmicas, não conseguiu encontrar nada sobre o tema como foi destacado. Existem, entretanto, publicações que tangenciam o recorte, mesmo assim em número reduzido. Podem ser destacadas aqui algumas dessas aproximações, como *“O regente de coro infantil de projetos sociais e as demandas por novas competências e habilidades”* (UTSUNOMIYA, 2011); *“A motivação no canto coral: perspectivas para a gestão de recursos humanos em música”* (FUCCI AMATO e AMATO NETO, 2009); *“Coral, um Canto Apaixonante”* (MATHIAS, 1986); e *“Coro Juvenil: Por uma abordagem diferenciada”* (COSTA, 2009).

Cada material aqui listado trata o tema por um ângulo e, quando observados em conjunto, ampliam o entendimento da complexidade da análise. *Costa* (2009) colabora com a pesquisa a partir da construção da *representação social*²² do canto coral para o público juvenil e com a confirmação do preconceito dos jovens a respeito:

De acordo com minhas observações, é possível inferir que há atualmente um grande preconceito – por parte dos adolescentes cariocas em geral – em torno do canto em grupo. Tal preconceito se dá, primeiramente, pelo fato de que o modelo da atividade tradicional remete-nos ao canto orfeônico, à religiosidade da música sacra ou natalina, ou ao civismo dos hinos patrióticos. Além disto, o gosto da atividade pela faixa da terceira idade ou ainda identificação com uma prática infantil, aliados à invisibilidade na mídia, em nada incentivam os jovens a perceberem no canto coral a possibilidade de apresentação (uniformes pesados, nenhum contato dos cantores com a plateia, repertório distante do cotidiano deles), se somada aos argumentos anteriores, é uma explicação plausível para o distanciamento desse tipo de atividade do jovem urbano de hoje. (COSTA, 2009, p. 12).

A autora trabalha a superação destas representações a partir da renovação estética da atividade e do desenvolvimento expressivo dos grupos através da proposta cênica.

Nelson Mathias entende o canto coral de uma maneira bem ampla. Considera o canto coral como uma atividade múltipla que depende da competência profissional do regente em vários campos. Sua concepção inclui uma boa competência nos quesitos musicais, técnicos, expressivos, mas coloca no mesmo plano as habilidades sociais de liderança, motivação, expressividade. Fala sobre motivação e oferece propostas concretas de atividades que possam ajudar em cada campo, inclusive no desenvolvimento da integração social.

Assim é nossa proposição: buscar o som de cada ser humano para que ele possa se inserir num processo de educação musical libertadora, partindo de sua própria beleza interior, do seu saber, que no sentido original significa SENTIR O GOSTO, PERCEBER. O saber é uma experiência. E toda experiência é única, singular, pessoal. Através desta experiência musical é que vamos nos descobrir, dar um novo sentido à nossa vida buscando todos os sons interiores, para que possamos transmitir ao mundo a música da vida humana. (MATHIAS 1986, p. 21).

²² O conceito de representações sociais foi desenvolvido Moscovici no campo da psicologia. Cada indivíduo ou grupo interpreta pessoas, objetos e fenômenos a partir do seu próprio universo, das experiências de sua vida, das ideias preconcebidas e das informações sobre esse objeto de análise. A estes conceitos, conjunto de interpretações, dá-se o nome de representação social.

Sobre motivação diz:

O comportamento pode mudar se aumenta a força de um motivo existente, até o ponto em que se torna o motivo mais intenso. A mudança no comportamento do grupo dependerá, em grande parte, da liderança do regente, em programar atividades que despertem estímulos para crescimento técnico-artístico-cultural e social do seu grupo, através de desafios, incentivos, mudanças de local de ensaios (saindo da rotina), interesse.

Com isto concluímos que: A NECESSIDADE gera MOTIVAÇÃO, que leva ao OBJETIVO. (MATHIAS, 1986, p. 26).

Motivação no canto coral, de FUCCI AMATO e AMATO NETO, foi importante para a construção desta monografia principalmente por propor um estudo das habilidades necessárias ao regente, mais especificamente aquelas ligadas à capacidade de motivar e envolver os cantores. O texto se baseia no entendimento do regente como um líder, mas estabelece as propostas de conquista desta liderança a partir de um recorte genérico, que não atende à problemática estabelecida nesta monografia. Os autores traçam o perfil desta liderança acreditando que “*O requisito mais importante em um regente é a habilidade para inspirar os intérpretes*” (FUCCI AMATO e AMATO NETO, 2009, p. 91). Eles pesquisam, através de questionários, qual seria o perfil ideal de regente e quais habilidades e procedimentos mais auxiliam na motivação dos cantores.

Entretanto, não pareceu à autora desta monografia que as respostas dadas pelos autores do artigo seriam suficientes para interpretar a realidade dos projetos sociais, por ignorar boa parte das situações que impediam a realização da atividade no contexto. Em outras palavras, eles focam no regente, mas dão poucas respostas sobre o público.

Utsunomiya corrobora com a ideia de que é necessário se analisar as particularidades da atividade coral quando realizada em projetos sociais:

(...) é preciso também tratar dos aspectos educacionais que surgem no contexto de corais infantis de projetos sociais. Estes são desenvolvidos quase sempre em situação de pobreza e de vulnerabilidade social por parte do público alvo. Um dos objetivos do coral infantil nesse contexto é a possibilidade de se oferecer não apenas uma atividade recreativa ou lúdica em si, mas, através do caráter recreativo e pedagógico do coro, sensibilizar as crianças coralistas para o aprendizado formal, para o desenvolvimento da autoestima e para educação para a cidadania. (UTSUNOMIYA, 2011, p. 41).

A autora defende ainda que a natureza do trabalho nestas ONGs gera no regente de coro a necessidade do desenvolvimento de outras habilidades e competências:

O regente de coro infantil atua, então, como um gestor de relacionamentos, pois trabalha pedagogicamente a autoestima dos coralistas, a relação entre os próprios coralistas, entre os pais, entre os coralistas, a comunidade e a ONG, entre a ONG, as empresas e a sociedade em geral. Mais do que um profissional que domine as técnicas musicais e as de canto coral infantil, o regente de coro infantil de projetos sociais passa a ser um mediador de conflitos, o gestor de um projeto ideológico, de uma visão de mundo de um conjunto de pessoas e organizações, com todas as implicações que advém dessa posição que ocupa. (UTSUNOMIYA, 2011, p. 42)

Além disso, a autora faz um detalhado desenvolvimento da atividade coral no Brasil, sobretudo a relacionada ao coral infantil e, através de diversas entrevistas com regentes da área, disponibiliza um vasto material para quem desejar se aprofundar neste campo.

Sobre o trabalho específico com projetos sociais, a autora se dedica mais a explicar o que são e qual a finalidade destes coros do que a relatar como se chegar até a realização efetiva destas construções.

Observações: Entre todos os textos analisados não foi encontrado relato que partilhasse dos mesmos problemas enfrentados pela autora. As entrevistas feitas com regentes falam de grupos já estruturados, com anos de funcionamento. Nenhuma destas publicações fala sobre o processo inicial de construção dos grupos ou como resolver as questões particulares surgidas a partir um projeto social.

Todos os textos citados falam sobre a importância da motivação para a realização da atividade coral, alguns de maneira explícita, outros ao priorizarem a renovação da prática para um maior envolvimento do grupo, e outros ainda ao defenderem que a capacidade de motivar é uma das competências necessárias à função de condutor e líder de um grupo coral.

Muito se fala, portanto, das competências de um regente, da importância da atividade coral para o desenvolvimento social, pedagógico e pessoal das pessoas envolvidas. Os direcionamentos destas argumentações, entretanto, fazem notar a necessidade ainda existente de se “defender” a prática coral, de se divulgar suas aplicações e justificar a realização do exercício em vários ambientes.

Tal fenômeno pode ser entendido a partir de dados coletados nestas mesmas publicações. Todas estas, em suas justificativas, ressaltam a incipiência das pesquisas no campo da educação musical brasileira e, por consequência, das produções acerca do canto coral.

Tal constatação pode ser confirmada pela própria pesquisa feita para a construção desta monografia. De todas as referências comentadas, apenas uma foi publicada antes da década de 2000. Esta escolha não foi feita por se tratarem aquelas das fontes mais atualizadas, mas sim pela inexistência de materiais suficientemente aproximados do recorte aqui proposto.

Sobre este fenômeno são necessárias ainda algumas observações. A maior parte das poucas publicações anteriores a 2000 que se propõe a falar sobre o canto coral no Brasil é dedicada a incentivar a construção de novos grupos, a propor métodos de ensaio, a dispor repertório e arranjos, a auxiliar na formação do regente ou resgatar a memória de algum coro ou da história do canto coral no país.

Foi somente a partir da década passada que as publicações passaram a refletir um novo momento para atividade coral brasileira. Este novo momento parece caracterizar um aprofundamento nas discussões pedagógicas e estéticas, apresentando novos questionamentos e propondo novas soluções a partir de recortes cada vez menos genéricos e simplistas.

Não cabe a esta monografia discorrer sobre o histórico da atividade coral no país ou explicar o porquê destas mudanças de paradigma. Basta, para a discussão aqui proposta, que se explicita esta incipiência no processo de entendimento da prática, a observação de que esta se encontra em um dos momentos mais ricos de sua problematização e a resposta para a falta de material no recorte definido.

A atividade coral no país vem crescendo, e com isso surgem novas formas de aplicação e novos ambientes de realização, como no caso dos projetos sociais. Com isso, pode-se dizer que a análise dos textos apresentados ajudou na compreensão de alguns aspectos do tema proposto, mas não foi suficiente para embasar as respostas completas aos questionamentos surgidos. Entretanto, as publicações que falam de motivação explicitamente utilizam o mesmo referencial teórico. Tanto Fucci Amato e Amato Neto quanto Mathias citam Abraham Maslow e sua teoria da hierarquia das necessidades. Foi a partir deste novo ponto que se seguiu a pesquisa.

4.REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. A BUSCA DO ENTENDIMENTO DA MOTIVAÇÃO DE MANEIRA MAIS AMPLA.

Como os materiais recolhidos anteriormente não foram suficientes para responder aos questionamentos norteadores deste trabalho, a busca de referencial teórico direcionou-se para o entendimento mais amplo do campo de estudo que se apresentou mais relevante – a Motivação.

Segundo Gagné, “(...) a motivação é uma pré-condição para a aprendizagem” (GAGNÉ, *apud* TAPIA e FITA, 1999, p. 77), e “Estudar a motivação consiste em analisar os fatores que fazem as pessoas empreender determinadas ações dirigidas a alcançar objetivos” (TAPIA e FITA, 1999, p.77).

O objetivo, portanto, do aprofundamento desta monografia no campo da Motivação foi entender como os teóricos da área poderiam contribuir com a discussão aqui proposta em dois sentidos principais: em primeiro lugar, na confirmação ou refutação da hipótese de que os comportamentos vivenciados em sala de aula e a dificuldade inicial de adesão dos cantores realmente podem ser explicados pela falta de motivação; e em segundo lugar, sendo a hipótese confirmada, no entendimento de como aqueles teóricos propõem o desenvolvimento da motivação em espaços pedagógicos como os dos projetos sociais.

4.2. ABRAHAM MASLOW E A HIERARQUIA DAS NECESSIDADES

Das teorias analisadas previamente, a mais completa e pertinente pareceu ser a da “Hierarquia das Necessidades”, do psicólogo Abraham Maslow (também utilizada como embasamento teórico pelas publicações citadas anteriormente).

Para Maslow, o Homem nasce *sadio*, porém, uma sociedade e uma criação deficitárias geram carências que, enquanto não resolvidas, condicionam o tipo e o grau das motivações em cada sujeito. Um indivíduo adulto *sadio* e realizado seria aquele cuja motivação se concentra não na intenção de suprir suas deficiências, mas no contínuo crescimento através de suas potencialidades.

(...) Com a devida licença, diria então, simplesmente, que o homem são é motivado principalmente por sua necessidade de desenvolver e realizar plenamente seu potencial e suas faculdades. Se um homem tem quaisquer 'outras necessidades' em sentido ativo e crônico, então, é simplesmente um homem doente. É tão seguramente doente como se tivesse manifestado, de repente, um violento apetite por sal ou cálcio. Utilizando a palavra doente nesse sentido, devemos também enfrentar abertamente as relações entre o homem e sua sociedade. Uma consequência clara de nossa definição é que: a) uma vez que chamamos doente ao homem fundamentalmente frustrado; e b) já que essa frustração fundamental se torna possível, em última análise, somente através de forças estranhas ao indivíduo; então c) a doença do indivíduo deve vir, em última análise, de uma doença da sociedade. A sociedade boa ou saudável define-se, então, como a que permite o aparecimento dos objetivos mais elevados do homem, satisfazendo todas as suas necessidades fundamentais e prementes. (MASLOW, 1973, p. 364).

De maneira esquemática, Maslow divide as motivações humanas em patamares que resumiriam as necessidades pessoais que levam cada indivíduo a querer realizar seja lá o que for. Para ele, as necessidades básicas como higiene, alimentação e segurança são as primeiras. Sem a satisfação destas carências, é improvável que as necessidades sociais, as de autoestima e as de autorrealização tomem real importância e sejam desenvolvidas a partir da motivação em cada campo. Ou seja, quando várias necessidades estão ativas, a necessidade inferior será mais proeminente, pois mais forte e limitadora é a carência que a gerou e a mantém.

Se todas as necessidades estão insatisfeitas e o organismo é dominado pelas necessidades fisiológicas, quaisquer outras poderão tornar-se inexistentes ou latentes. Podemos então caracterizar o organismo como simplesmente faminto, pois a consciência fica quase inteiramente dominada pela fome. Todas as capacidades do organismo servirão para satisfazer a fome, e a organização dessas capacidades ficará determinada quase exclusivamente pela finalidade única de satisfação da fome. Os receptores e efetores - inteligência, memória e hábitos - podem todos, então, ser definidos simplesmente como instrumentos para satisfazer a fome. As capacidades que não servem para esse fim ficam entorpecidas ou latentes. O desejo de escrever poesia ou de comprar um automóvel, o interesse pela história americana ou por um novo par de sapatos ficam, nos casos extremos, esquecidos, ou passam a ter importância secundária. Para o homem extremamente faminto, não há outro interesse senão o alimento, suas emoções se reduzem ao alimento. Ele sonha com o alimento, lembra-se do alimento, pensa no alimento, suas emoções se reduzem ao alimento, ele somente percebe e quer alimento. Os determinantes mais sutis, que geralmente se unem às pressões fisiológicas na organização do comportamento em relação ao alimento, à bebida ou ao sexo, podem ficar superados a ponto de podermos falar, nesse caso (mas somente nesse caso), em pressão e comportamento de fome em estado

puro, com a finalidade única e incondicional de alívio. (MASLOW, 1973, p. 342).

Vale destacar aqui ainda que todo indivíduo pode sentir necessidades de naturezas diferentes simultaneamente:

Até agora, nossa discussão talvez tenha dado a impressão de que essas cinco séries de necessidades se apresentem numa relação de tudo-ou-nada. Dissemos, por exemplo; "uma vez satisfeita uma necessidade, surge outra". Isso pode dar a impressão errada de que uma necessidade deva ser 100 por cento satisfeita antes de surgir a próxima. Na realidade, a maioria das pessoas normais em nossa sociedade se encontra parcialmente satisfeita e parcialmente insatisfeita em todas as suas necessidades fundamentais. É mais realista descrever a hierarquia em termos de porcentagens decrescentes de satisfação à medida que sobe a hierarquia de premência. Tomando, por exemplo, números arbitrários, podemos dizer que o cidadão médio satisfaça talvez 85 por cento das necessidades fisiológicas, 70 por cento das de segurança, 50 por cento das de amor, 40 por cento das de auto-estima e dez por cento das de auto-realização. (MASLOW, 1973, p. 359).

Uma forma corrente de representação desta teoria é feita através de sua esquematização em pirâmide, como apresentado a seguir.

3



Hierarquia de necessidades de Maslow.

Falar de motivação na realidade específica dos projetos sociais, sem levar em consideração que muitos dos participantes dessas atividades se encontram justamente no estado de vulnerabilidade social que os priva muitas vezes da satisfação dessas mesmas necessidades básicas (fisiológicas e de segurança) é, não

³ Figura retirada de HAL, LINDZEY e CAMPBELL In "Teorias da Personalidade", 2000, p. 358.

só ignorar a fonte de boa parte dos problemas a serem enfrentados, mas também uma demonstração de desconhecimento da função real das atividades artístico-pedagógicas que envolve a realização destes projetos.

A questão da baixa autoestima, da desnutrição e até casos de violência doméstica são temas que fazem parte do cotidiano do público alvo a ser atendido. Se por um lado isso parece ser uma barreira intransponível, por outro, a satisfação de poder fazer parte de um projeto com ações coordenadas visando a promoção e inserção social de uma comunidade é algo muito compensador, no discurso dos regentes. (UTSUNOMIYA, 2011, p. 95).

O contato através das oficinas de canto coral com o público alvo destas ações sociais faz a presente autora atestar que alguns dos alunos atendidos pela ONG AMAR vivem em condições precárias de higiene, de nutrição e saúde; muitos ainda convivem intimamente com a violência em suas casas e em suas comunidades. Em outras palavras, estas crianças e jovens vivem de fato em situação de risco pessoal e social.

Dito isso, e considerando corretas as afirmações de Maslow, pode-se inferir que sim, o trabalho de canto coral nestas ONGs requer atenção especial aos aspectos motivacionais, e que a dificuldade de motivação inicial à atividade é um dos fatores que podem explicar os problemas de comportamento e adesão apresentados na condução do projeto Arte Cidadã.

Entretanto, a teoria da Hierarquia das Necessidades defende que o meio em que reage o indivíduo não é absolutamente determinante para a ação do mesmo, nem para o entendimento de suas motivações. Portanto, a aplicação da lógica dos patamares não pode ser entendida de maneira fixa e/ou universal para todos os sujeitos.

Devemos levar em conta a situação ou o meio em que reage o organismo, mas só raramente o meio pode servir para explicar com exclusividade o comportamento. Devemos interpretar o próprio meio em função do organismo. A teoria da situação não pode substituir a teoria da motivação. (MASLOW, 1973, p. 339).

Mais que isso, Maslow alertava que a psicologia se centrava principalmente no entendimento das patologias e muito pouco se estudava a respeito do ser humano saudável. As suas teorias foram dirigidas então no entendimento do funcionamento psicológico dos indivíduos realizados e em como

auxiliar no desenvolvimento pessoal de toda pessoa interessada em se realizar saudavelmente.

O que é psicoterapia ou, por falar no assunto, qualquer tipo de terapia? Qualquer meio que ajude a pessoa a voltar ao caminho da auto-realização e do desenvolvimento ao longo das linhas ditadas por sua natureza interior. (MASLOW *apud* HAL, LINDZEY e CAMPBELL, 2000, p. 356).

Portanto, o estudo das motivações e necessidades humanas não tem o objetivo de determinar ou classificar o comportamento humano de maneira rigorosa e definitiva; sua estruturação se dá na tentativa da superação das carências e dificuldades que impedem os indivíduos de serem plenamente realizados.

Neste sentido, Maslow estabelece que existam algumas precondições para a satisfação das necessidades fundamentais:

Há certas condições que são requisitos para a satisfação das necessidades fundamentais. A reação contra perigos que ameaçam essas condições é quase idêntica à reação contra as ameaças às próprias necessidades fundamentais. Condições como a liberdade de falar e fazer o que se queira desde que não se fira direito alheio, a liberdade de auto-expressar-se, de investigar e procurar informações, a liberdade de se defender e procurar justiça, equidade e ordem dentro do grupo, são exemplos dessas condições prévias para a satisfação das necessidades fundamentais. A frustração dessas liberdades provoca uma resposta de ameaça ou emergência. Essas condições não constituem um fim em si, mas quase sempre são tidas como tal, porque se relacionam estreitamente com as necessidades fundamentais, que são, aparentemente, os únicos fins. Essas condições são defendidas porque sem elas as satisfações fundamentais seriam impossíveis, ou, pelo menos, estariam expostas a sérios perigos. (MASLOW, 1973, p. 353).

É interessante notar que todas estas condições (liberdade para falar e expressar, para buscar o conhecimento, para pertencer a um grupo de maneira justa e igual) estabelecidas por Maslow podem ser desenvolvidas no contexto do canto coral, dependendo da maneira que ele é aplicado. A partir disto, vale observar também que a concepção da necessidade do desenvolvimento da motivação para o exercício da atividade pode e deve ser ampliada.

Se no começo da construção desta monografia buscavam-se ferramentas motivacionais para a melhor realização do canto coral, neste momento parece necessário um novo ponto de vista. É preciso, para o envolvimento do público em questão, que se desenvolva um ambiente pedagógico rico e estimulante que

amplie a vivência dos alunos; a busca pelo desenvolvimento da motivação pode significar a própria busca pedagógica que se deve empreender no sentido de formação dos envolvidos. A motivação, pelos preceitos aqui expostos, apresenta-se como um caminho, tanto para o envolvimento de todos os alunos, quanto para a busca de superação das próprias necessidades limitadoras.

Maslow propõe o estímulo desta busca pela autorrealização através da psicoterapia e psicologia. O próximo ponto a ser analisado por esta monografia é “como realizar este processo através da pedagogia?”. Para tanto, procurou-se uma proposta pedagógica que se direcionasse ao mesmo fim: a busca da autorrealização.

4.3. PAULO FREIRE COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O PENSAMENTO DE MASLOW.

O trabalho de Paulo Freire realizado nas mais diversas periferias de várias partes do mundo avança bastante na compreensão da educação nesses contextos. Além disso, a partir da ideia de que *o futuro é problemático e não inexorável* (FREIRE, 2013, p.76), propõe também a aplicação de uma pedagogia que auxilie na mudança destas realidades a partir da transformação daqueles indivíduos “assistidos” em indivíduos autônomos, conscientes de seu espaço e capacidade no mundo.

Todo o trabalho de Paulo Freire reflete essa busca pela superação das condições de desvantagem social, na crença de que *é preciso mudar, é possível mudar, de que preservar situações concretas de miséria é uma imoralidade* (FREIRE, 2013, p. 77).

Em *A Pedagogia da Autonomia* (2013) ele defende a ideia de que todo ser humano tem o que ele chama de vocação ontológica para o ser mais e para a eticidade. Segundo Freire, a construção da humanidade como a entendemos só foi possível a partir da consciência da nossa presença modificadora e conseqüentemente da consciência de nosso inacabamento como espécie e indivíduos. A consciência do inacabamento do ser humano faz com que ele esteja sempre buscando algo além do que já existe, buscando a realização de sua

presença sobre a Terra, sempre instável e inconstante; foi a ação criativa da humanidade sobre a terra que nos formou como espécie peculiar.

Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. A invenção da existência a partir dos materiais que a vida oferecia levou homens e mulheres a promover o *suporte* em que os outros animais continuam, em *mundo*. Seu mundo, mundo dos homens e das mulheres. (...) A invenção da existência envolve, repita-se, necessariamente, a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos do que o que ocorria e ocorre no domínio da *vida*, a “espiritualização” do mundo, a possibilidade de embelezar como enfeitar o mundo e tudo isso inscreveria mulheres e homens como seres éticos. Capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, de dignificantes testemunhos, mas capazes também de impensáveis exemplos de baixa e de indignidade. Só os seres que se tornaram éticos podem romper com a ética. (...) Não se sabe de tigres africanos que tenham jogado bombas altamente destruidoras em “cidades” de tigres asiáticos. (FREIRE, 2013, p. 50 e 51).

A busca pela presença e pela transformação da realidade é o que ele chama de “vocação ontológica para o ser mais”, fortemente atrelada à questão ética.

Quando, porém, falo da ética universal do ser humano estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana. Ao fazê-lo estou advertido das possíveis críticas que, infiéis a meu pensamento, me apontarão como ingênuo e idealista. Na verdade, falo da ética universal do ser humano da mesma forma como falo de sua vocação ontológica para o *Ser Mais*, como falo de sua natureza constituindo-se social e historicamente não como um *a priori* da história. A natureza que a ontologia cuida se gesta socialmente na história. É uma natureza em processo de estar sendo com algumas conotações fundamentais sem as quais não teria sido possível reconhecer a própria presença humana no mundo como algo original e singular. Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais uma virtude. (FREIRE, 2013, p. 19 e 20).

Em outras palavras, a vida humana é tão complexa que evidencia essa vocação para o “ser mais” e, sem esta vontade latente, os homens viveriam como os demais animais. A *Autonomia*, presente no título da publicação, seria o estado psicológico emocional e social onde o indivíduo se reconhece como agente histórico e é capaz de assumir o curso de sua vida e de sua presença criativa perante o mundo.

A Pedagogia da Autonomia é uma proposta pedagógica centrada na ética, no entendimento do respeito a todo ser humano envolvido em um processo de educação; mais que isso, ela se propõe a orientar educadores que reconheçam na docência um papel fundamental na formação de um mundo mais justo, criativo e participativo.

Ao contrário de outras das publicações de Paulo Freire, esta obra não se propõe a falar exclusivamente sobre a educação no contexto das periferias e situações de risco. É um livro que se dirige a todos os educadores, defendendo a ideia de que a eticidade da ação pedagógica se estenda a todos os ambientes educacionais e que o compromisso com o futuro é de todos os educadores, trabalhem eles em qual ambiente for. Entretanto, Freire é sobretudo um pedagogo social, político e sua definição de autonomia está fortemente atrelada a isso.

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que historicamente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. (...) Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam. (FREIRE, 2013, p. 52 e 53).

Freire propõe então uma pedagogia que ajude o educando a se libertar de seus condicionamentos, tornando-se confiante e capaz de atuar no mundo e em sua vida. O pedagogo alicerça sua proposta pedagógica em quatro pontos fundamentais: a ética, o reconhecimento e a assunção da presença no mundo (e a

consequente ação criativa e expressiva) por parte dos educandos, o desenvolvimento da consciência crítica e da “curiosidade epistemológica” (estado de busca constante pelo conhecimento).

É relevante observar que estas propostas para se atingir a autonomia remetem àquelas condições estabelecidas por Maslow para possibilitar a busca pela autorrealização: “a liberdade de falar e fazer o que se queira desde que não se fira direito alheio, a liberdade de auto-expressar-se, de investigar e procurar informações, a liberdade de se defender e procurar justiça, equidade e ordem dentro do grupo”. (MASLOW, 1973, p. 353).

Mais do que isso, os dois teóricos trabalham a mesma questão a partir de pontos de vista diferentes: ambos estudam o comportamento humano a fim de auxiliar no crescimento do indivíduo para além de suas limitações, acreditando na vocação para o “ser mais” presente em cada sujeito. A principal diferença entre as colocações é que Paulo Freire direciona seu trabalho para a transformação social, enquanto Maslow se limita à dimensão individual.

Entretanto, a definição de “autonomia” e a motivação para a “autorrealização” de um indivíduo sadio se aproximam de várias maneiras. Ambos teóricos defendem que este estado de ação e pensamento compreende as seguintes características: criatividade; busca constante pelo conhecimento; reconhecimento das capacidades individuais; constante problematização do universo circundante; pressuposição de um estado de desenvolvimento psicológico de superação das necessidades ambientais urgentes.

Maslow diz que para se chegar à busca de autorrealização são necessárias liberdades individuais, mas não diz como desenvolvê-las, sobretudo em ambientes de precariedade. Não fica claro, inclusive, se ele as entende como condições inatas.

O Desejo de saber e compreender: Até agora, mencionamos as necessidades cognitivas somente de passagem. A aquisição de conhecimentos e a sistematização do universo têm sido consideradas, em parte, como técnicas para a consecução de segurança fundamental no mundo ou, para o homem inteligente⁴, como expressões de autorrealização. Por esse motivo, examinamos a liberdade de indagação e expressão como precondições para a satisfação das necessidades

⁴ Não é possível deduzir o que Maslow entende por “homem inteligente”, mas talvez seja possível inferir que ele considere a inteligência uma condição que não pertence a qualquer indivíduo.

fundamentais. Embora exata, porém, essa explicação não dá resposta definitiva à pergunta relativa ao papel da motivação na curiosidade, no saber, na filosofia, na experiência etc. Na melhor das hipóteses, ela não passa de resposta parcial. (MASLOW, 1973, p. 354).

Freire parte da análise dos contextos sociais desfavoráveis e direciona toda sua pedagogia na intenção de gerar e desenvolver estas mesmas liberdades, partindo do princípio que estas também são condicionadas pelo ambiente.

Em *Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos* (2011), Freire fala da falta de consciência crítica e do desejo por saber (comumente presente nestes contextos de desfavorecimento social) como uma forma de controle das massas e manutenção da ordem social estabelecida. Sua concepção de liberdade nestes contextos está ligada à libertação dos oprimidos de sua condição de vulnerabilidade e dependência. Embora bastante específica esta definição de liberdade na obra do autor, o seu desenvolvimento se baseia naquelas mesmas precondições estabelecidas por Maslow.

O que são liberdades para Maslow são, na concepção de Freire, direitos a serem conquistados no sentido da Liberdade plena dos indivíduos marginalizados, para que, a partir disso, eles possam ter a capacidade de se autorrealizar.

Freire, além de defender que todo indivíduo é capaz de desenvolver as competências básicas para conquistar sua autonomia, sistematiza estas capacidades da seguinte forma:

O reconhecimento e a assunção da presença no mundo é o resultado da conscientização de que cada pessoa é um sujeito histórico, capaz de modificar sua experiência no mundo porque é humano; e ser humano significa ter o direito e a capacidade de criar, expressar, significar e escolher viver para além de seus condicionamentos.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. (...) Seria irônico se a consciência de minha presença do mundo não implicasse já o reconhecimento da impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença. Não posso me perceber como uma presença no mundo, mas, ao mesmo tempo, explicá-la como resultado de operações absolutamente alheias a mim. Neste caso o que faço é renunciar à responsabilidade ética, histórica, política e social que a promoção do *suporte* ao *mundo* nos coloca. Renuncio a participar e

cumprir a vocação ontológica de intervir no mundo. O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. (FREIRE, 2013, p. 42 e 53).

A Curiosidade Epistemológica é o desejo constante de aprender e conhecer. Diferentemente de Maslow, Freire acredita que esta capacidade pode ser desenvolvida e é uma consequência do sentimento de presença e do de inacabamento do ser humano. O pedagogo tem como um dos seus princípios pedagógicos básicos a necessidade de se transformar a curiosidade instável e inerente em um estado de curiosidade chamada por ele de “epistemológica”. Com esse termo ele se refere àquele estado de busca constante, em que o gosto pela procura se mistura a ela, a partir do entendimento do ser humano como um “ser inacabado”. Ou seja, quando a vontade de aprender e conhecer vem acompanhada da consciência de ser este um processo infinito, a curiosidade se encontra em sua forma mais pura e criativa.

Não foi educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. (...) A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É neste sentido que, para mulheres e homens, *estar no mundo* necessariamente significa *estar com o mundo* e com os outros. Estar no mundo sem história, sem por ela ser feito, sem cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. (...) Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mais ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca. Histórico-sócio-culturais, mulheres e homens nos tornamos seres em quem a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento. Mais ainda, a curiosidade é já conhecimento. Como a linguagem que anima a curiosidade e com ela se anima, é também conhecimento e não só expressão dele. (FREIRE, 2013, p. 56, 57 e 54).

A Consciência Crítica é a mais complexa das capacidades a serem desenvolvidas no sentido da autonomia. Segundo Freire, a condição de dominação cultural e econômica em que os desfavorecidos na nossa sociedade se encontram é

tão opressora que parte deles se encontra em um estado de consciência denominada por ele de semi-intransitiva. Neste estado de consciência, é como se as pessoas se encontrassem tão aderidas, imersas na realidade imediata, que não fossem capazes de objetivar as circunstâncias e a natureza dos fenômenos vividos ou os avaliar de maneira crítica.

É que, a este nível de quase imersão, não se verifica facilmente o que chamamos de “percepção estrutural” dos fatos, que implica a compreensão verdadeira da razão de ser dos mesmos. Desta forma, a explicação para os problemas se acha sempre fora da realidade, ora nos desígnios divinos, ora no destino, ou também na “inferioridade natural” de homens e mulheres cuja consciência se encontra a este nível. (...) se a explicação das situações problemáticas se encontra em algum poder superior ou na “incapacidade natural” dos seres humanos, é óbvio, então, que a ação destes, como respostas àquelas situações problemáticas, não se oriente no sentido da transformação da realidade que as origina, mas, ao contrário, ao poder superior responsável pela existência das situações bem como por sua “inferioridade natural”. Sua ação tem, pois, um caráter mágico-defensivo ou mágico-terapêutico. (FREIRE, 2011, p.119 e 120).

Esta consciência semi-intransitiva é particularmente comum nas áreas rurais e foi mais presente no Brasil antes do forte fluxo migratório para as cidades, fato que possibilitou novas circunstâncias e acesso para esta população. A vida urbana e a presença cada vez mais marcante das comunidades pobres neste contexto começaram a gerar uma percepção de classes até então ignorada pelo brasileiro. Desenvolve-se desde então a presença e a expressão cultural das favelas e periferias, explicita-se a existência e a identidade de uma classe social até então invisível aos olhos da política e do resto da sociedade, assim como se explicitam as incoerências e tensões que este processo gera.

Este fenômeno social possibilitou que hoje a maior parte da população se encontre no que Paulo Freire define como o segundo estado de consciência – a *transitivo-ingênua*. Não existem limites claros para esta transição de estados de consciência. Em muitos casos algumas interpretações sobre o mundo são feitas em consciência semi-intransitiva; e na análise de outros fenômenos a consciência se aproxima da transitivo-ingênua, por exemplo.

Este segundo nível de consciência é anterior ao último, o de consciência verdadeiramente crítica; portanto, o transitivo-ingênua é o nível que comporta um

entendimento do mundo mais complexo, porém ainda não desenvolvido suficientemente para ser completamente embasado ou autônomo.

Se, ao nível da “semi-intransitividade”, são os problemas vitais os que mais facilmente se destacam, ao nível da transitividade ingênua a capacidade de captação se amplia e, não apenas o que antes não era percebido passa a ser, mas também muito do que era entendido de uma certa forma o é agora de maneira diferente. (...) Há duas direções possíveis que se oferecem à consciência ingênua. A primeira é a de alcançar o nível de criticidade, ou o que Goldmann chama de “máximo de consciência possível”; a segunda é a sua distorção numa forma “irracional” ou “fanática”. O caráter mágico da consciência semi-intransitiva é, na consciência “irracional”, substituído pelo “mítico”. A “Massificação” coincide com este nível de consciência. (FREIRE, 2011, p.135).

O terceiro nível de consciência é, enfim, o crítico, onde o sujeito tem a autonomia de pensamento e de interpretação sobre a vida assim como capacidade para encontrar saídas para as condições em que se encontra.

Embora a análise proposta por Freire seja toda centrada no aspecto histórico-social, estes níveis de consciência e as demais sistematizações descritas podem ser aplicados de maneira geral em qualquer outro contexto que não o de “libertação dos oprimidos”.

Entretanto, como o foco desta monografia se dá no campo dos projetos sociais, é possível ainda destacar outro ponto:

O papel do trabalhador social se desenvolve num domínio mais amplo, no qual a mudança é um dos aspectos. O trabalhador social atua, com outros, na estrutura social. (...) É uma ingenuidade pensar num papel abstrato, num conjunto de métodos e de técnicas neutros para uma ação que se dá em uma realidade que também não é neutra. (...) Daí a necessidade que tem o trabalhador social de conhecer a realidade em que atua, o sistema de forças que enfrenta, para conhecer também o seu “viável histórico”. Em outras palavras, para conhecer o que pode ser feito, em um momento dado, pois que se faz o que se pode e não o que se gostaria de fazer. (FREIRE, 2011, p. 57, 58 e 61).

Os projetos sociais são, sim, ambientes de transformação da realidade das pessoas envolvidas. O trabalho de cultura é fundamental no desenvolvimento saudável do ser humano e, sobretudo nas circunstâncias de desfavorecimento, este fato deve ser entendido de maneira séria e comprometida como condição para sua realização.

Mais do que isso, pelos preceitos aqui expostos, nega-se a possibilidade de construir uma ação cultural de maneira neutra, despolitizada, preocupada

estritamente com as técnicas e competências do professor sem levar em consideração as pessoas atendidas e as circunstâncias específicas em que elas vivem.

O estudo de Motivação no canto coral como busca de ferramentas isoladas e gerais se mostra aqui insuficiente e improdutivo. Assume-se aqui, portanto, a pedagogia de Paulo Freire em sua plenitude, como a proposta mais aproximada do recorte proposto por esta monografia e como ferramenta de construção coletiva da autorrealização, autonomia, ou liberdade, em todas as definições aqui levantadas.

O ponto fundamental de toda esta teoria exposta é que Paulo Freire dá, mais que definições, propostas concretas de desenvolvimento das tais liberdades descritas por Maslow como fundamentais para a promoção da autorrealização. Mais que isso, o pedagogo responde várias questões levantadas pela autora desta monografia durante a realização das oficinas de canto coral e a tentativa de entendimento da experiência vivida.

Através das propostas por ele apresentadas na condução das suas atividades pedagógicas é possível estruturar uma ação social consistente a partir da prática coral; uma ação de alcance efetivo através da inserção de crianças e jovens no universo crítico, criativo e expressivo que lhes é de direito.

5.O TRABALHO DE LIMA E A NECESSIDADE DE REDEFINIÇÃO DO RECORTE TEMÁTICO

Quando o entendimento das questões que deram origem a esta monografia parecia suficientemente completo, porém, chegou às mãos da presente autora a tese de doutorado da professora Maria José Chevitarese de Souza Lima. A tese intitulada *O Canto Coral como Agente de Transformação Sociocultural nas Comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho: Educação pela Liberdade e Autonomia* (2007) se baseia na experiência da autora na formação do *Coral Meninos de Luz* nas comunidades descritas, tomando como referencial teórico Paulo Freire e Joffre Dumazedier.

O trabalho de Lima, portanto, é uma fonte bastante rica para a análise de uma situação concreta de aplicação da teoria de Freire no exercício do canto coral como ferramenta de transformação social. Além disso, é também uma fonte

importante por descrever detalhadamente o processo de formação desse grupo no ambiente de um projeto social.

O *Solar Meninos de Luz* é uma ONG fundada em 1991 que, entre outras ações, oferece educação formal a 400 internos, em turno integral, do berçário até o ensino médio. O canto coral foi implementado no turno da tarde, como complementação pedagógica e atividade cultural e, em 2003, passou a ser coordenado por Lima. Os objetivos desta realização e as condições de vida dos alunos atendidos configura uma situação bastante análoga à da ONG AMAR.

De todas as colaborações oferecidas por esta tese, entretanto, a mais significativa se deu em uma constatação de ordem numérica a partir da análise dos dados expostos.

Até o ano de 2004 tínhamos em média quarenta crianças participando do projeto. Em 2005 o número de crianças interessadas em participar da atividade coral se elevou para 62 crianças. Em 2006 o projeto atingiu 91 crianças, o que representa cerca de cinquenta por cento das crianças pertencentes ao Solar Meninos de Luz em idade de participar do canto coral. (LIMA, 2007, p. 85).

Ou seja, o Solar Meninos de Luz atende a 400 internos; destes, cerca de 200 alunos se encontram em idade adequada à participação do canto coral e destes 200, apenas 40 entraram no coro. Portanto, a adesão inicial à atividade coral foi de 20%.

Se esta proporção de adesão pudesse ser considerada como um dado, mesmo que apenas como uma sugestão comparativa de análise, sua transposição para a realidade da ONG AMAR daria origem a seguinte afirmação: se 25 alunos são atendidos em cada turno pela instituição, a adesão inicial à atividade coral deveria ser de 5 alunos.

Logicamente esta proporção não pode ser entendida como um dado mas, mesmo existindo poucas fontes nas quais se possa averiguar a sua pertinência, uma observação ainda pode ser feita: todas as publicações analisadas que relatam a experiência concreta da realização de coros em projetos sociais acontecem em instituições de grande porte e nenhuma delas apresentou qualquer questionamento ou problematização sobre a dificuldade de adesão à prática coral.

Ficou claro à presente autora que o tamanho da instituição AMAR foi determinante para a situação enfrentada nas oficinas de canto coral.

O preconceito com a prática, a distância da sonoridade do universo dos envolvidos, o desconhecimento da atividade coral e o fato de as oficinas acontecerem voluntariamente em uma instituição com poucos alunos são suficientes para explicar as dificuldades apresentadas no decorrer do projeto Arte Cidadã. Não se trata, portanto, de um reflexo de falta de motivação pela forma como a professora conduziu o processo. Contudo, a motivação continua sendo uma das questões centrais a serem desenvolvidas na continuidade das oficinas, não só na concepção pedagógica. Esta afirmação se dá no sentido de que os grupos corais surgidos durante o projeto são na verdade um processo de formação do público e de apresentação ao universo coral, lento e delicado, dependendo por isso da questão motivacional objetiva.

5.1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Foi depois destas constatações que tornou-se necessária a reavaliação do recorte da presente monografia, bem como toda a experiência vivida. Ficou flagrante a peculiaridade da realização de coros em projetos sociais de pequeno porte e a impossibilidade de se trabalhar o formato coral da maneira usual, a partir das mesmas ferramentas e propostas estéticas. Durante algum tempo pareceu a presente autora que seria impossível realizar um trabalho de canto coral consistente diante de tais impedimentos, até que mais uma constatação foi elaborada.

Se antes a formação profissional da autora parecia limitada por não oferecer respostas para as questões vividas, agora percebe-se que houve formação e imersão na atividade coral suficientes para limitar a concepção da prática. Em outras palavras, a experiência de vinte anos na área e o contato extensivo com apenas uma forma “cristalizada” de fazer coral acabaram por formatar o entendimento e a aplicação desta atividade.

De maneira geral, os corais atuais se diferenciam basicamente pela questão estética. Isso se expressa através da escolha de repertório, da proposta de aproveitamento ou não do palco e do corpo como ferramenta expressiva, na escolha da sonoridade das vozes, no uso ou não de acompanhamento harmônico, na preferência pelo figurino destacar a individualidade ou o coletivo dos

participantes, na maior ou menor exigência com relação à afinação e técnica vocal, entre outras questões.

Essa escolha estética, entretanto, parece se dar de maneira intuitiva e não intencional para boa parte dos coros. Segundo Costa (2009):

É possível inferir, portanto, que a estética tradicional do canto coral ainda representa o padrão do canto em grupo, mesmo quando este assimila, por exemplo, mudanças no repertório. Houve também o registro da entrada de elementos cênicos que hoje são adotados por alguns regentes no intuito de ampliar o alcance da proposta coral. Verificou-se ainda, sem a pretensão de esgotar o assunto, que a preocupação com uma renovação estética, seja ela de repertório, linguagem, formato, seja de sonoridade, não faz parte do pensamento da maioria dos regentes pesquisados, embora alguns tenham mencionado o “coral brasileiro” como sinônimo de “não tradicional”. (COSTA, 2009, p. 69).

Esta variedade estética, portanto, longe de ser uma busca por realizações diferentes da prática coral, são assimilações de propostas anteriores. Existem os coros *a cappella*, os acompanhados, os coros cênicos, os pequenos grupos vocais e alguns destes que trabalham com emulação de instrumentos de banda; os coros de tradição europeia, os grupos religiosos, os coros de empresa e escolares; mas todos seguem padrões estabelecidos há tempos.

Os grupos de tradição europeia cantam com voz de impositação erudita e geralmente se preocupam mais com a qualidade vocal e de afinação em detrimento da expressividade e comunicação com a plateia; os de foco em música brasileira são mais permissivos quanto a afinação e técnica, privilegiam uma sonoridade vocal mais próxima da fala e, geralmente são mais abertos a experimentações cênicas; todos utilizam abertura de vozes e dependem de cerca de vinte cantores. Os grupos vocais podem ser feitos com poucas pessoas e geralmente são mais experimentais em relação à concepção estética, mas os participantes devem ter competência e independência como prerrogativa.

Logicamente esses comentários são feitos a partir de estereótipos e não podem ser entendidos como realidade absoluta, mas a ausência de busca estética observada na atuação dos regentes faz crer que este cenário represente uma parte considerável da realidade coral brasileira.

A construção prática desses grupos e as dinâmicas de ensaio, sobretudo no ambiente escolar formal, estão da mesma forma estabelecidas como “a maneira de se cantar em coral”. As técnicas de ensaio e a sequência dos momentos dentro

dele, o tipo de repertório, os objetivos a serem atingidos, a abertura necessária de vozes, entre tantos outros signos estabelecidos significam a própria prática coral.

A função de cada um destes processos de aprendizado ou a validade de cada uma das opções estéticas apresentadas anteriormente não estão em questão aqui, nem sendo desqualificadas. Cada uma destas ações e representações tem um sentido histórico e lógico para a sua existência, são a própria construção da identidade coral brasileira.

O importante na descrição desta realidade é destacar que este conjunto de parâmetros que significam o coral no Brasil é o que foi anteriormente chamado de “forma cristalizada”. Não existe nenhum demérito nela e não haveria nenhum problema de ser utilizada novamente, de maneira crítica, se isto não fosse impossível para a aplicação no projeto AMAR. Realmente, na realidade descrita, nenhuma destas propostas tem aplicabilidade plena.

Entretanto, há ainda uma concepção de coral que não foi observada e que parece ser geralmente deixada de lado. O canto coral em sua essência nada mais é que o canto coletivo. Essa realização é uma das mais presentes e antigas formas de expressão coletiva humana. Como tal, sua existência não está condicionada a uma forma de execução ou de uma estética definitiva. O canto coletivo permeia a construção de todas as sociedades, limitar o seu ensino a uma realização de concepção específica e geralmente de construção europeia é limitar o caráter expressivo e fundamental da atividade.

O canto coral é por excelência uma atividade cultural capaz de articular diferenças em prol do coletivo. Esta característica fez com que essa atividade milenar fosse utilizada em diversos momentos da história, com finalidades as mais contraditórias possíveis. Embora não possamos saber como era a sonoridade da música na Antigüidade, sabemos que desde a Grécia Antiga até a atualidade o coro integra a cultura das mais diferentes sociedades, independentemente de seu estágio de desenvolvimento. Grupos primitivos, sociedades em desenvolvimento ou pertencentes ao primeiro mundo, todos eles, a seu modo, praticam o canto coletivo. A especificidade do momento histórico, articulada às representações sociais, aos simbolismos e valores que devem ser assimilados culturalmente tem dado o tom desta atividade que, através de políticas culturais, é implementado pelo poder do Estado ou por instituições como igrejas, empresas e organizações não governamentais. O canto coral, ao servir a diferentes interesses, percorreu muitas vezes caminhos antagônicos. Já serviu a Deus e aos rituais diabólicos, aos reis e aos escravos, aos países do primeiro mundo, aos povos subdesenvolvidos e às civilizações

primitivas, tendo se perpetuado através dos séculos. (LIMA, 2007, p. 24).

A citação destacada, além de afirmar a universalidade da prática do canto coletivo, aponta ainda para uma importante questão. Esta forma de expressão humana serviu e serve até hoje para diversos objetivos, inclusive como forma de dominação cultural, étnica, política e religiosa. O trabalho através do canto coral com objetivos pedagógicos sérios não pode ser realizado sem a consciência destes processos de dominação, assim como o regente neste contexto tem o potencial de perpetuar ou não uma série de equívocos, devendo se responsabilizar por isso.

A pedagogia de Freire aliada ao pensamento de Maslow se adapta perfeitamente à proposta de canto coletivo como ferramenta pedagógica e auxilia na estruturação de uma prática, que sendo baseada na criticidade e no respeito pelo educando, perderia toda a justificativa se incorresse nesses mesmos equívocos.

Uma proposta de canto coral baseada na ideia de canto coletivo, atrelada às fundamentações teóricas aqui descritas, deve se importar principalmente em possibilitar o desenvolvimento pessoal dos indivíduos envolvidos e ampliar suas dimensões expressivas e criativas de maneira respeitosa, consistente e reflexiva. Para tanto não é necessário seguir formatos, mas sim propor ações estruturadas e conscientes a partir de todas as possibilidades que se apresentam a esta abertura de concepção.

Fica aqui delineado então um possível desdobramento para a continuidade desta pesquisa: a sistematização de uma proposta pedagógico-sócio-cultural concreta, baseada no canto coletivo, possível de ser realizada em projetos sociais de pequeno porte e com o objetivo principal de auxiliar na promoção da autonomia e autorrealização dos educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas poucas observações ainda podem ser feitas.

Esta monografia não foi construída no sentido de desenvolver um relato de experiência voltado exclusivamente para narrar um processo prático e objetivo. Mais que isso, buscou-se relatar aqui a própria vivência de problematização das

dificuldades enfrentadas e todo o processo de busca e pesquisa envolvida nisso, na crença de que toda “experiência” compreende tanto o aspecto prático quanto o reflexivo. Isso explica a maneira como a monografia foi estruturada e a sequência de apresentação dos fatos, teorias e proposições.

Não existe aqui a pretensão de esgotar as interpretações sobre a experiência vivida ou apontar soluções definitivas para os problemas apresentados. A principal intenção é refletir sobre os fatos e compartilhar os questionamentos e direcionamentos surgidos no processo.

É importante ser dito: mesmo que as dificuldades de realização da proposta coral em uma realidade limitada e tão específica tenham causado diversas vezes sensações como fracasso e impotência, a insistência em se levar o processo até o final, assumindo os riscos e experimentando outras formas de ação, provou que muito ainda pode ser feito.

Em grupos formados por cinco ou dez alunos é possível se trabalhar de maneira profunda propostas como composição, improvisação, expressão corporal, técnica vocal, jogos cênicos e musicais, e sim, ajudar no desenvolvimento da consciência crítica, da autoestima, da autonomia e da autorrealização dos envolvidos.

De certo modo, todos estes direcionamentos aqui delineados foram aplicados em algum nível durante a realização das oficinas, pois era o possível a ser feito. A experiência observada no processo e as conversas informais realizadas com alguns cantores e coordenadores demonstrou que os alunos participantes valorizaram a atividade e, em alguns casos, disseram-se modificados por ela, tanto no aspecto vocal quanto no emocional. Não há mais dúvidas, portanto, quanto à pertinência da realização das oficinas de coral nas circunstâncias apresentadas. Entretanto, pode-se dizer que a preocupação em manter a estética coral tradicional adiou o entendimento e a sistematização de uma forma mais efetiva de ação, que ainda precisa de muitas modificações e experimentações antes de poder ser definida como concreta.

O que muda com a realização deste trabalho de conclusão de curso é: o grau de entendimento do processo como um todo e da realidade social em que ele foi vivenciado; o fortalecimento e reavaliação das concepções teóricas a partir de todas publicações estudadas; a consciência do nível de responsabilidade social e pedagógica envolvidos na docência; a formulação de uma proposta consciente de

ação; o amparo de encontrar uma concepção de educação que multiplica o desejo de educar e ser educada; a autoconfiança e a vontade de dar sequência ao trabalho realizado através do aprofundando nas propostas delineadas.

ANEXO - APRESENTAÇÃO DA ONG AMAR:

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE AMAR

PROGRAMA: “A CAMINHO DA CIDADANIA”

CERTIFICADO DE ENTIDADE BENEFICENTE DE ASSISTÊNCIA SOCIAL Nº CCEAS 0501/2006

UTILIDADE PÚBLICA FEDERAL – PORTARIA 695 DE 31 DE JULHO DE 2001.

CNPJ 04090760/0001-98 . Rua Alexandre Calaza, 243 – Vila Isabel

Rio de Janeiro . RJ . CEP 20560-110 . Tel 2258-7898 / Fax 2577-2787

E-mail: assoc.amar@acaminho.org.br Site: acaminho.org.br

APRESENTAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE AMAR

MISSÃO

Desenvolvimento integral e inclusão social de crianças, adolescentes e jovens menos favorecidos e excluídos socialmente, com foco no resgate da dignidade e na formação da cidadania.

QUEM SOMOS

A Associação Beneficente AMAR é uma organização sem fins lucrativos, situada no Estado do Rio de Janeiro, que desenvolve seu trabalho junto a crianças, adolescentes e jovens em situação de risco pessoal e social, através da metodologia do Sistema Preventivo da Educação, em três linhas operativas: Linha Emergencial, Linha Preventiva e Linha Formativa.

Suas atividades têm como eixo inspirador os princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e visam através de ações sócio educativas e profissionalizantes, o resgate da auto-estima, a formação para a vida cidadã e a promoção humana e transcendental de todos os participantes de seus projetos. A AMAR participa de Fóruns e Conselhos de Direitos e investe na formação e qualificação de seus educadores e técnicos buscando desenvolver uma prática pedagógica que valoriza a participação dos seus educandos..

AREA DE ATUAÇÃO

A associação Beneficente AMAR atua nas Zonas Centro e Norte do Município de Rio de Janeiro, e no 2º Distrito do Município de Duque de Caxias.

PROGRAMA

Os fundadores, junto à parte mais vulnerável da sociedade brasileira, criança e adolescentes em situação de exclusão social, acreditam que a cidadania não basta ser dada ou escrita nas leis. Cidadania está no exercício e conquista da própria capacidade de busca de direitos, melhores garantias individuais e coletivas de viver e tomar decisões para a construção de uma sociedade justa, fraterna e igualitária. Desta forma de ver, nasce o programa: **A CAMINHO DA CIDADANIA.**

PÚBLICO ALVO

Crianças, adolescentes e jovens, de ambos os sexos, em geral afro-descendentes, de baixa escolaridade, em situação de desvantagem decorrente de uma formação de qualidade precária e em um ambiente sócio-cultural notadamente limitado, que vivem na Cidade do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense Centro e Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense, em Duque de Caxias.

PROJETOS

1. **Educando para a Vida Cidadã:** formação e capacitação de educadores sociais.
2. **Evangelização:** formação transcendental de todos os participantes dos projetos
3. **Grupo das Jovens Mulheres :** Grupo jovens mulheres que recebem apoio financeiro mensal com o intuito de alcançar um objetivo profissional e de empreendedorismo.
4. **Ação pedagógica de Apoio à Escolaridade:** acompanhamento de crianças no período do contra turno escolar, com atividades para uma formação integral, no Bairro de Grajaú (RJ) e da Cidade Nova em Duque de Caxias.
5. **Meninos de Rua:** Atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua, que se encontram no centro e zona norte do Rio de Janeiro em três etapas:
 - Abordagem,

- Atividades no Centro Socio Educativo
 - Acolhimento Institucional na Casa de Acolhida Frei Carmelo Cox.
6. **Adoção à Distância** : crianças de famílias muito pobre recebem ajuda de pessoas para a formação escolar.
 7. **Intercâmbio Cultural e solidariedade internacional**: Acolhimento de jovens para intercambio e voluntariado internacional.
 8. **Bolsa de estudo**: Apoio à formação escolar e profissionalizante para jovens carentes.
 9. **Centro de formação**: Atividades de formação para todos os educadores da Associação AMAR.

ATIVIDADES TRANSVERSAIS

Para garantir o direito à cultura, ao esporte e lazer, a Associação Beneficente Amar sempre ficou atenta em todos os projetos para organizar atividades culturais e oferecer momentos de esporte e lazer com o objetivo de oferecer uma formação humana integral.

Dentre os objetivos estão: o estímulo à criatividade e à atitude participativa; fortalecimento dos vínculos sociais; ampliação do repertório cultural; e fortalecimento da cidadania.

DADOS INSTITUCIONAIS

Nome da organização: ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE AMAR
Data da fundação da organização: 20 /07 /2000
CNPJ: 04.090.760/0001-98

Endereço: RUA VISCONDE DE SANTA ISABEL 480, GRAJAÚ
Município: RIO DE JANEIRO - UF: RJ CEP: 20560-121

Telefone: 0055 21 2258 7898 Fax: 0055 21 2577 2778
Website; www.acaminho.org.br E-mail assoc.amar@acaminho.org.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Patricia Soares Santos. **Coro Juvenil: por uma abordagem diferenciada.** Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

UTSUNOMIYA, Mirian Megumi. **O regente de coro infantil de projetos sociais e as demandas por novas competências e habilidades.** Dissertação (Mestrado em Música). Universidade de São Paulo, 2011.

LIMA, Maria José Chevitarese de Souza. **O Canto Coral como Agente de Transformação Sociocultural nas Comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho: Educação para Liberdade e Autonomia.** Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia; AMATO NETO, João. A motivação no canto coral: perspectivas para a gestão de recursos humanos em música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 22, 87-96, set. 2009. Disponível on-line <abemeducacaomusical.org.br>

MATHIAS, Nelson. *Coral, um Canto Apaixonante.* Brasília: MusiMed, 1986.

MASLOW, Abraham H. Uma Teoria da Motivação Humana. *In. O comportamento humano na empresa: uma antologia.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973, p. 337-366.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____ *Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

TAPIA, Jesus Alonso e FITA, Enrique Cartula. *A motivação em sala de aula. O que é, como se faz.* São Paulo: Editora Loyola, 1999.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. *Teorias da personalidade*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2000.